

**Originalmente para:** *Perspectiva ficcionada de um percurso leitor*, X Encontros Luso-Galaicos do Livro Infantil, Porto, Novembro de 2004.

## E então eu, o leitor, para que sirvo?

António Prole

### RESUMO

Sob a forma de uma autobiografia ficcionada são suscitadas questões relevantes para a leitura, na convicção de que este tipo de abordagem, em desfavor de uma linguagem mais técnica e académica, potencializa a recepção leitora. Tendo como pano de fundo a afirmação do papel activo do leitor na (re)construção da narrativa, é todo um percurso leitor, com alegrias e desalentos, que se desenvolve de um modo romancado e vivenciado, abordando questões como a importância da família, da escola, dos mediadores de leitura, da leitura partilhada em voz alta e da adequação dos livros ao desenvolvimento das competências leitoras e dos interesses e motivações do leitor.

Quando a Maria João Sampaio me convidou a integrar este painel, confesso que hesitei em aceitar: finalmente, eu não sou um especialista em literatura ou teoria literária, não sou um conhecedor profundo da literatura infanto-juvenil, não tenho nenhuma especial competência académica na área do tema que me era proposto, nem sequer alguma vez o abordei de modo sistemático. Para ser sincero, sinto até uma certa incomodidade, ou desconforto, na abordagem das relações entre a literatura, a cultura em geral, e a guerra. Tal facto prende-se com a atitude, a impotência e até o colaboracionismo das elites cultas, face à barbárie do nazismo e a minha proximidade às teses defendidas por George Steiner.

Sou um leitor compulsivo e comprometido, apaixonado pelos livros e agradecido à leitura, mas também um leitor errático, pouco dado ao cânone: houve clássicos que não li, simplesmente porque não se atravessaram no meu caminho de leitor, outros houve que não levei até ao fim porque não se ajeitaram no travesseiro dos meus sonhos: ou por que tinham uma respiração demasiado ofegante que me incomodava ou um ritmo que não me chegava à carne: ou por isto ou por aquilo. De repente a Cecília Meireles entrou no texto: tem andado cá por casa a construir sentidos outros da sua obra pela mão do meu filho Rui. Ou por isto ou por aquilo... Ou isto ou aquilo. *«Ou se tem chuva e não se tem sol, ou se tem sol e não se tem chuva!! Ou se calça a luva e não se põe o anel, ou se põe o anel e não se calça a luva!! Quem sobe nos ares não fica no chão, quem fica no chão não sobe nos ares./ É uma grande pena que não se possa estar ao mesmo tempo nos dois lugares!! Ou guardo o dinheiro e não compro o doce, ou compro o doce e gasto o dinheiro./ Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo... e vivo escolhendo o dia inteiro!! Não sei se brinco, não sei se estudo, se saio correndo ou fico tranquilo./Mas não consegui entender ainda qual é o melhor: ou isto ou aquilo.»*

Para mim a leitura literária ou é carnal ou não é leitura: quero lá eu saber dos clássicos. Conheço o suficiente da história da literatura e da teoria literária para não ser um leitor ingénuo: gosto de conhecer o forno e a forma onde foi cozido o bolo. Sou um

leitor razoavelmente informado: acompanho o mundo editorial e o da crítica literária mas raramente tenho pachorra para ler até ao fim as crónicas do Eduardo Prado Coelho no *Mil Folhas*. Uma quantidade apreciável de livros que li foram-me referidos entusiasticamente por outros amigos leitores e, muitas vezes, foram os próprios livros que me mostraram o caminho para outros livros: como o protagonista de um romance que soube da existência de um tal livro através de outros livros como o astrónomo deduz a existência de um corpo celeste desconhecido pelo movimento de outros planetas. Vou-vos dizer um segredo: o que eu realmente aprecio na literatura é a leitura: essa possibilidade de inscrever um sentido no horizonte de sentidos aberto pela obra e de confrontar a estória que entretanto escrevi com as obras escritas pelos meus amigos leitores, a propósito de um mesmo livro. E quão diferentes são essas estórias de uma mesma estória! Como leitor não gosto que coloquem o sentido de um qualquer texto literário nem exclusivamente na intenção da obra nem exclusivamente na intenção do autor. E então eu, o leitor, para que sirvo? Não conheço leitores literários que não sejam leitores activos, reclamamos o direito de participar, com o escritor, na elaboração do sentido, somos operários na construção da obra literária. Não andamos tantos anos a constituirmo-nos como leitores – sim! que os leitores literários não aparecem de geração espontânea, levam anos a formar, são assim como as bailarinas de pontas, se não começam desde muito pequenos nada feito – um labor de tantos anos não se deita assim borda fora. Quando apareceu a *Obra Aberta*, do Eco, dei pulos de contente e pensei que estavam criadas as condições culturais para o aparecimento do Partido da Leitura que a Inês Sim-Sim há tanto ansiava. Passados tantos anos, parece-me que foi em 62 que apareceu a *Obra Aberta*, mais ano menos ano, ainda não se conseguiu formar o Partido da Leitura: levados por esse entusiasmo louco dos anos sessenta, por esse optimismo que a utopia transportava, alguém teve a ideia que tal Partido só se havia de formar quando o número de leitores literários em Portugal equivalesse a 10% da população e o orçamento do Ministério da Cultura, que à data não existia, se cifrasse em 1% do Orçamento de Estado. Todos concordámos, convencidos que estávamos que passada a noite fascista, a revolução democrática, na sua exigência de cidadania activa, facilmente cumpriria estes objectivos. Trinta anos após a revolução, e após sucessivos governos, a OCDE estima, nos seus últimos inquéritos, que a percentagem de leitores compulsivos e continuados atingirá quando muito 5% da população do país e o orçamento do Ministério da Cultura, para o ano de 2005, não atingirá sequer meio ponto percentual. Lá se foi o Partido da Leitura... A última vez que pensei nele estava em Madrid a convite da Casa da América. Preparava-me para desligar o telemóvel quando este tocou: era uma voz feminina, doce e algo maternal mas simultaneamente ansiosa: não nos conhecíamos pessoalmente, mas essa mulher, que subitamente me perturbava a terna adernalina que sempre acompanha os momentos que precedem uma intervenção pública, buscava o contacto da directora do Centro de Salamanca da Fundação Germano Ruipérez numa tentativa de colmatar deficiências de um projecto de promoção da leitura que pretendia candidatar ao apoio de um fundo comunitário. O que tem de extraordinário esta estória, é que esta mulher que assim me telefonava, tem mais de oitenta anos e uma vida ligada à luta pela cidadania, contra a exclusão social e a iliteracia. Foi este exemplo de tenacidade e de cidadania que me trouxe à lembrança de novo, e após um longo esquecimento, o Partido da Leitura. E pensei: aí está a pessoa indicada para ser

presidente do Partido da Leitura: Helena Cidade Moura. São estes episódios que por vezes abalam o meu presente pessimismo, como aquele outro que me foi trazido por um dos intelectuais mais pessimistas quanto ao futuro e ao papel da cultura, George Steiner: «No tempo de Brejnev – já não era o pior; era ainda gravíssimo, mas já não era o regime de Estaline –, havia uma jovem mulher russa numa universidade, especialista em literatura romântica inglesa. Essa mulher jovem foi metida numa cela, sem luz, sem papel nem lápis, na sequência de uma delação idiota e completamente falsa, não é preciso dizê-lo. Sabia de cor o *D. Juan*, de Byron (trinta mil versos, ou mais). No escuro, põe-se a traduzi-lo mentalmente em rimas russas. Quando sai, depois de ter perdido a vista, dita a tradução a uma amiga: é hoje a maior tradução russa de Byron.»

Voltemos ao nosso estatuto de leitores. Verdade seja dita, que os escritores há muito nos respeitam, a nós, leitores. Já Cervantes pedia humildemente que fosse lembrado não pelo que escreveu mas pelo que deixou de escrever... pelos buracos abertos na sua obra e que nós leitores pacientemente vamos preenchendo, desenterrando significados ocultos, concluindo o que não estava se quer enunciado. Estou em crer que Cervantes preferia os leitores aos críticos literários. Preferia que a sua obra vivesse nesse encontro criativo com os leitores, mais do que lembrada enquanto objecto de estudo. Muitos anos mais tarde, Molina ao recordar este dito de Cervantes, haveria de concluir: «se há algo que se aprende com o tempo é que quando se escreve só se está fazendo metade de um trabalho que há-de culminar e ganhar vida na imaginação do leitor». Muitos e muitos foram os escritores que, ao longo dos tempos, reconheceram a nossa importância na construção da obra literária, mas gosto especialmente da feliz expressão do poeta Manuel Gusmão: «o leitor escreve para que seja possível». Conheço mesmo um escritor que acredita que o que prende os leitores, os embala e os transporta ao encontro de novas realidades, novas culturas, novos mundos e pessoas tão diversas, o que os prende à narrativa, é uma certa respiração que ele imprime aos textos, uma certa cadência desse sopro de vida. Acontece que quando relê o que escreve e pressente que aqui ou ali há uma descontinuidade nesse sussurrar íntimo do texto, com medo que o leitor por ali se lhe escape corre a colocar dois adjectivos, completamente desnecessários e sem nenhum sentido, com o único objectivo de manter a cadência da respiração da narrativa. Ouvi-o dizer isto numa entrevista, muito bonita, muito humana, dada em Cuba e senti-me feliz, por ele e por mim: defender-me, a mim leitor, mesmo que para isso tenha que sacrificar o sentido, é a atitude mais cúmplice que um escritor pode ter com os seus leitores. Devolvo-lhe essa cumplicidade com a presença à cabeceira da cama, desde há tantos tantos anos, dos seus *Cem Anos de Solidão*. Quantas e quantas vezes não o (re)escrevi eu! E nele me (re)escrevi. É assim mesmo o texto literário: constrói o seu sentido na interacção dialéctica entre o leitor e a obra. O leitor é, assim, um agente activo que participa na elaboração do sentido da obra: esta não dispensa, antes requer, o nosso *intento lectoris* (é bonita dita assim a nossa intenção leitora, empresta-nos dignidade e humanidade, dá-nos um certo ar antigo). Desconfio mesmo que certos autores contemporâneos, vem-me à lembrança as *Cidades Invisíveis* e a nossa Clarice, tentam potencializar a nossa intervenção activa, intencionalmente nos procuram, reforçando, através de estruturas formais de construção, a ambiguidade narrativa. O que mais me seduz como leitor é essa ambiguidade que sempre aparece agarrada à pele da narrativa, essa imprecisão, essa instabilidade, que lhe empresta

complexidade. Aplica-se à literatura o que Eco dizia da obra de arte: é «uma mensagem fundamentalmente ambígua (...)». É nessa ambiguidade fundamental, eu diria fundante da própria narrativa, nessa indeterminação que todo o texto literário comporta, que eu me insinuo enquanto leitor: resolvendo ambiguidades, fechando questões deixadas em aberto, arrancando significados do fundo do texto que o escritor escreveu só para mim. Confesso-vos, no entanto, que a minha disponibilidade para cooperar com os autores na construção do sentido tem limites, que provavelmente são, também, os limites da minha competência leitora, mas reflectem, simultaneamente, a minha independência como leitor: acontece-me com um vulto maior da nossa literatura. Leitores amigos falam-me de um gozo estético sem limites sempre que às suas mãos chega um novo romance. Lêem-no de um fôlego. Antoine Spire considera-o mesmo um sucessor de Faulkner – «(...) quando leio o português Lobo Antunes, tenho a impressão de que temos nas mãos um novo Faulkner, que tivesse renovado completamente e superado Faulkner» – e dá-o como exemplo para contrariar a tese do pós-modernismo como início e sintoma de uma era pós cultural. O meu adorável Faulkner, que eu tanto recordei, lendo-o, claro, na noite da reeleição. Faulkner que nessa noite me reconfortou e suavizou o pessimismo.

Voltemos ao nosso escritor. Exceptuando a primeira parte da sua obra e as suas fabulosas crónicas no *El País*, não consigo levá-lo de fio a pavio: vivo de arrebatamentos amorosos e fragmentados: é, verdadeiramente, uma relação de amantes: há noites que a leitura de meia dúzia de páginas, escolhidas sempre ao acaso, me deixam extasiado... mas é o bastante, sinto-me recompensado mas cheio como leitor. São momentos curtos mas intensos. Tenho-o sempre à mão, ora na pilha junto à cama, ora na mesa junto ao sofá e mesmo no banquinho da casa de banho: é um livro de geografia variável. O livro é assim: é fisicamente confortável quando está nas nossas mãos, eu diria mesmo que é aconchegante, adapta-se às diferentes e mais diversas geografias, é fácil de usar, é fácil de transportar, vai sempre ali ao nosso lado em vez de correr à nossa frente e, como disse Eco na inauguração da nova biblioteca de Alexandria – «os livros pertencem a essa classe de objectos que, uma vez inventados, não poderam ser melhorados, simplesmente porque são bons. Como o martelo, o garfo, a colher ou a tesoura». O meu encontro com o livro não foi fácil, mas, apesar de tudo, tive condições que a grande maioria dos meus companheiros de infância não teve. É verdade que não nasci numa família de leitores literários, mas em minha casa havia uma pequena biblioteca, muito vocacionada para a literatura portuguesa e, particularmente, para o seu período romântico. O meu pai tinha sido um grande leitor até ao casamento, segundo dizia, mas não me lembro de alguma vez o ter visto de livro na mão. Foi divórcio para sempre. Contudo, havia em minha casa, um ambiente de valorização do livro e favorável à leitura. Lia-se o *Primeiro de Janeiro* todos os dias e o *República* quando o carteiro o trazia. Foi nas páginas de domingo do *Primeiro de Janeiro* que eu encontrei o meu primeiro herói: O Príncipe Valente. Foi nas páginas do *República*, sentado nos joelhos do meu Avô paterno, que eu aprendi a ler, antes de ingressar na então Escola Primária: estou seguro que a minha verdadeira obsessão pela leitura de jornais nasceu aí. E estou hoje convencido que este facto, este ambiente muito especial que rodeou os inícios da minha aprendizagem leitora, foi determinante para o meu primeiro impulso para o mistério das palavras. O meu Avô reiteradamente me dizia: este senhor escreveu aqui isto mas o que ele quer dizer é aquilo, aqui esta palavra que

significa tal pretende dizer precisamente o contrário. Muitas vezes lia-me artigos inteiros e por inteiro mos traduzia em linguagem que eu entendia. As palavras eram mágicas, por baixo do seu sentido literal escondiam o mistério de um significado muito diverso. Antes de aprender o significado das palavras, eu aprendi que elas guardavam um sentido que era preciso descobrir. O verdadeiro sentido escondia-se por detrás do significado imediato, num curioso jogo do mostra e esconde, as palavras tinham que esconder o sentido para que a polícia das palavras não as proibisse de falar e, simultaneamente, mostrar o sentido para que eu e o meu Avô fossemos informados de como ia o país imaginário do futuro. Embora raramente e sem nenhuma regularidade, o *República* do meu Avô dedicava uma página inteira às crianças que o meu Avô ia desenrolando à medida da tradução: na camita, à noite, antes de dormir, eu construía estórias outras com aqueles heróis desinteressados que estendiam a mão ao “outro” correndo perigos incalculáveis. É verdade, que nunca ninguém me leu uma estória de livro estendido, é verdade que o único livro de literatura para a Infância que existia em casa dos meus pais era uma edição das fábulas de La Fontaine que eu li vezes sem conta e que ainda hoje recordo com especial carinho mas, agarrado às saias da minha Avó que me contava estórias tradicionais sem fim e preso às traduções do meu Avô, a minha meninice não foi de todo alheia ao imaginário das estórias. Recordo com especial emoção os momentos em que a voz terna de minha Avó me contava as estórias dos antigos. Esses momentos foram, estou seguro, importantes para o meu impulso leitor, La Fontaine deu também um forte contributo, mas foram as traduções de meu Avô que decididamente me abriram as portas do entusiasmo pela leitura. Do meu Avô ficou-me essa ideia da espacialidade das palavras, como se as palavras fossem constituídas por diversas camadas que lhe emprestavam profundidade. Essa ideia de que as palavras para além daquilo que nomeiam e explicitam, precisam de uma chave que lhes descubra o outro sentido: o sentido mágico. Um dia perguntei ao meu Avô como é que ele sabia que estava a traduzir correctamente, como é que ele sabia que o senhor jornalista escrevia azul para os leitores lerem verde. Foi a primeira vez que ele me falou da ideia da chave que abre as palavras. Tinha uma chave, disse-me ele, que abria o sentido da palavra: o sentido que elas escondiam dentro de si próprias. Após um longo silêncio, e como quem cala ainda o mais importante, acrescentou: é uma chave muito especial, cada leitor tem a sua... o azul para uns é verde, para outros amarelo e para muitos cor de burro quando fuge. Ficou-me desta conversa uma ideia nebulosa mas no entanto muito incisiva e luminosa: no imediato troquei a palavra pela letra e imaginei uma chave que encaixando nas letras fazia sair delas coisas muito diferentes mas que no entanto lhe pertenciam e cada um escolhia a que mais lhe agradava...quanto à cor de burro quando fuge, fiquei preso pela musicalidade da expressão, o que não é pouco, e ainda hoje quando avisto um burro perdido na planície alentejana penso no meu Avô e na leitura. O meu Avô acrescentou ainda: quem te vai dar essa chave é a escola, o Avô só esteve a adiantar caminho... nós os homens da República entendemos que a leitura é muito importante! Só passados muitos anos percebi que ele não se estava a referir ao jornal.

Foi atrás dessa chave mágica das palavras que eu entrei para a escola primária, tanto mais que o meu Avô deu como terminado o seu trabalho de mestre escola. Ao fim de algum tempo comecei a desconfiar que aquelas não eram as palavras que eu procurava,



dessa outra leitura. Fiquei convencido nesse dia, teria os meus oito, nove anitos, que essa leitura que se abria com a chave mágica não existia: nesse dia, nem as histórias tradicionais de minha Avó, nem o La Fontaine, nem a recordação da tradução do meu Avô da página infantil do jornal *República* me ajudaram. Fiquei com a leitura trabalho da escola.

Inesperadamente, e por mera casualidade, pouco tempo passado sobre este episódio, a Alice entrou na minha vida pela mão do senhor doutor juiz de comarca, como o meu Avô lhe chamava, e pai do meu novo colega de escola e recente vizinho. Eu nunca tinha visto tantos livros juntos, nem imaginava que tal pudesse existir e depois não era só a quantidade, era o modo como se espalhavam pela casa. Mesmo na casa dos livros, eles não só repousavam nas longas estantes que cobriam todas as paredes do escritório, como se espalhavam isoladamente, ou em pilhas, pela secretária, pelas cadeiras e mesmo pelo chão. Invadiam mesmo toda a casa, a sala, a cozinha e, em certos dias, podiam mesmo encontrar-se na casa de banho. Tinham um ar tão familiar aqueles livros!, simultaneamente, tão descuidado e humano... um dia no quarto de banho encontrei lá dois e para meu espanto estavam sublinhados, escritos nas margens e um deles tinha mesmo duas manchitas de café que lhe mordiam o texto. Naquela casa, os livros tinham um ar de uso e estavam sempre presentes: ou porque alguém os estava a ler, ou porque alguém procurava com urgência um em especial, que julgava ter deixado na sala e que acabou por aparecer na cozinha, ou porque alguém os elogiava, recomendava ou simplesmente falava sobre eles. Foi essa casa que me abriu para o mundo dos livros e da leitura; foi aí que eu tive, pela primeira vez, a noção do que era uma biblioteca e do que era um leitor: essa imagem de um adulto, confortavelmente sentado, com um livro aberto entre as mãos, causou-me uma viva impressão. Foi uma casa de muitas primeiras vezes: lembro com uma ternura imensa aquele fim de tarde de domingo em que me foi apresentado o primeiro livro ilustrado e logo só com um ilustrações: OH! O pai do Pedro tinha-o trazido de Paris, vinha embrulhado num papel muito bonito, por cima, como um tótopo, tinha um laço azul e branco. Era uma prenda livro, assim posto era realmente um objecto novo para mim: inesperado na sua combinação prenda/livro. Eu senti-o, antes de tudo, como um afecto. O Pedro desembalhou-o com muito cuidado, não fosse a cegonha levá-lo de volta. Era um livro enorme, como eu nunca tinha visto. O pai do Pedro sentou-se no sofá, pôs o livro entre pernas, virou-o completamente para nós e disse: aqui está o livro que não tem palavras e nos vai contar uma história. Depois lentamente, pareceu-me até que com carinho, foi folheando as páginas foi desenrolando a história escrita na linguagem das imagens: e quando tudo aquilo acabou, ainda a névoa da história pairava sobre as nossas cabeças, fez-se um clique: TRADUÇÃO. TRA-DU-ÇÃO. É isso... de novo aí estava a chave mágica, mas agora mais clara, mais luminosa. Eu tinha utilizado, pela primeira vez, a chave mágica que abre o sentido às coisas...tinha construído uma história, uma história com palavras, umas atrás das outras, a partir dos desenhos, das ilustrações como sempre me emendava o Pai do Pedro. Eu não tinha transformado o verde em azul, eu tinha ido mais além: com a ajuda das ilustrações, é certo, eu tinha escrito e contado uma história. Eu era um verdadeiro leitor/escritor... «O leitor escreve para que seja possível», sabe-me sempre bem regressar ao Manuel Gusmão.

O segundo momento mágico deu-se uns bons meses depois, já eu era um utente de corpo inteiro da biblioteca, com direito a utilizar o serviço de empréstimo domiciliário

e a frequentar a hora do conto, que tinha lugar, no mínimo, três vezes por semana, sem hora marcada, nem dia ou local estipulado... um pouco ao sabor do acaso dos encontros. Um dia, o pai do Pedro trouxe, de uma viagem a Lisboa, um livro que me ia marcar profundamente: *Alice no País das Maravilhas*. Foi um livro que entrou muito de mansinho: que talvez não fosse para a nossa idade! que tinha palavras muito “cheias”, que passeavam nele ideias talvez demasiado bizarras... apesar disso, aventurámo-nos. Ao contrário do que era habitual, em que a leitura dos livros era feita em voz alta pelos três, acordámos que o Pai do Pedro seria o leitor/ledor de serviço. Recordo sempre aqueles momentos como ocasiões de comovedora partilha. Tomando de empréstimo palavras de Manuel António Pina: ali estávamos os três, de quando em vez, «à volta de um ocasional livro como à volta de uma fogueira comum e acesa». Era sempre com grande entusiasmo e entrega que o pai do Pedro lia, tão fascinado pelas estórias quanto nós, amando-as tanto ou mais que nós. Aconteceu-me, não raramente, surpreender nos seus olhos um brilho muito especial que só naquelas alturas vi aflorar. Um dia, por mero acaso, um seu irmão substituiu-o na sua função de ledor e toda a magia se quebrou. Ao fim de poucos minutos nós apercebemo-nos que ele não se envolvia na estória, que a sua leitura era fria e sem humanidade, trocámos um olhar entre os dois e a estória morreu-lhe nos lábios. É verdade que não percebíamos muitas das palavras desta Alice, mas isso para nós não tinha nenhuma importância: logo que o sentido da aventura não fosse quebrado o leitor podia continuar na sua saga; só interrompíamos quando alguma palavra de todo nos fazia perder uma personagem ou nos fechava o sentido da aventura. E sempre que se lia a Alice, que nos fez companhia durante algumas semanas, o ledor calava-se quando a emoção estava ao rubro... a leitura continuaria na próxima sessão: e ficava aquele ar de saudade do futuro a pairar no meio da sala... como morrinha a cair ao fim da tarde. Ainda hoje a Alice é para mim um final de tarde morrinhento. E a estória envolveu-me tanto que eu dei por mim, à noite na cama, a imaginar os novos passos da aventura, construindo... e quando na vez seguinte o leitor trouxe a Alice do livro, eu estava com um olho no burro e outro no cigano...algumas vezes as duas eram uma só, outras tão diferentes!: muitas vezes a confrontei com as suas decisões e cheguei mesmo a trocá-la pela minha... mas era nessas alturas que eu sentia maior ternura por ela, melhor dizendo... por elas. Tudo se ia maravilhosamente complicando...as Alices iam sorrateiramente aparecendo... Como a estória era longa, decidimos, a dada altura, que antes de cada leitura, se faria uma espécie de síntese das leituras anteriores...de início parecia só haver as minhas duas Alices... mas a pouco e pouco, de mansinho, as outras foram-se insinuando... a breve trecho os momentos que antecederiam a leitura foram-se alongando e animando. Houve, então, um momento verdadeiramente apaixonante e que me marcou profundamente: de repente, numa imagem algo imprecisa, pouco definida – há sempre esta ideia de nevoeiro que me acompanha como leitor – mas muito incisiva, eu vi-me a confrontar a minha Alice, com a Alice do texto, a Alice do Pedro e do nosso leitor e tudo isso se concentrou num momento muito fugaz... de repente estavam ali as quatro Alices a dialogar num jogo de espelhos... e dito isto apareceu-me agora a quinta Alice... a Alice do Outro lado do espelho.

É o milagre da leitura, da literatura... é o chão da nossa humanidade, que Aristóteles traduziu de uma forma muito simples, do estilo X é Y, o homem é um animal que fala. E fala para dar sentido, para passar da informação ao conhecimento: a leitura é a chave



do conhecimento. Sem esta chave as competências básicas de conhecimento da língua e da sua estrutura de funcionamento, que a escola treina, ou é suposto treinar: velocidade, exactidão e compreensão, são insuficientes para passar da informação ao conhecimento, insuficientes para criar um utilizador de informação reflexivo, autónomo e crítico. A informação em si mesma é inerte, só ganha sentido quando o sujeito que conhece a avalia criticamente, só aí se produz o conhecimento. E esta passagem exige competências leitoras específicas que só a literatura pode dar, não a literatura enquanto objecto de saber, não o ensino da literatura mas a educação literária entendida aqui como aquisição de certas competências específicas de leitura, que só a leitura literária pode dar. Ou seja, a leitura literária como instrumento privilegiado para aquisição de competências leitoras específicas indispensáveis para transformar a informação em conhecimento. Sem esta habilidade leitora específica a janela aberta para o mundo da informação dá para um imenso vazio e tende a alargar o fosso entre as elites letradas e a grande massa iletrada. De que nos vale colocar computadores nas escolas se 52% dos jovens portugueses com 15 anos de idade e inseridos no sistema de ensino têm níveis de literacia abaixo do patamar mínimo de exigência ou seja não conseguem localizar informação implícita e avaliar criticamente um texto (21%), nem sequer localizar segmentos de informação e estabelecer relações entre as várias partes do texto? Ora a leitura literária ou educação literária sendo um instrumento para a aquisição de habilidades leitoras específicas transforma o texto literário não num objecto de estudo mas numa actividade, num ponto de encontro: e que ponto de encontro é esse? A leitura do texto literário, instrumento único da educação literária. Isto implica o desenvolvimento de estratégias que induzam nas crianças hábitos de leitura e tal só é possível introduzindo, nomeadamente, a literatura no 1º Ciclo do ensino básico. E introduzir a literatura como actividade sistemática significa, antes do mais, ler de um modo lúdico e continuado obras literárias: enquanto instrumento privilegiado para a aquisição de competências leitoras específicas e potencializando as capacidades e a eficácia da aprendizagem de outras áreas da língua, falamos, nomeadamente, da ortografia, da morfosintaxe e da criatividade da expressão escrita. Mas ler obras literárias não é ler excertos, a que se seguem uma série de exercícios para o treino das funcionalidades básicas da língua. Nesse caso é preferível substituir os excertos por receitas de cozinha, é preferível ter uma receita de cozinha do que um excerto de Sophia. A linguagem informativa é mais adequada à aprendizagem da norma da língua do que o texto literário, que quase por definição foge à norma. Em sentido figurado, bem entendido, o adequado seria ter a receita de cozinha, sobre a qual os alunos trabalhariam arduamente as questões do funcionamento básico da língua, e, paralelamente, a leitura lúdica e desescolarizada da obra literária, como instrumento de formação de leitores, leia-se cidadãos, activos e críticos, capazes de transformar a informação em conhecimento, capazes de passarem para além da superficialidade da linguagem e captarem o sentido último das várias narrativas que nos envolvem. A leitura literária é assim uma condição necessária, embora não suficiente, longe disso, para a formação de uma consciência cívica actuante.